

JUVENTUDES, ARTEFATOS MIDIÁTICOS E GÊNERO

Eixo Temático 12 - Educação em Sexualidade e Desenvolvimento Humano: Pesquisas, Teorias e Práticas

Beatriz Amarante Oliveira ¹
Raquel Baptista Spaziani ²

Resumo

O conceito de juventudes plurais busca refletir sobre essa população atrelando às dimensões de gênero em suas diversas intersecções. Embora haja diversos modos de se experienciar as juventudes, as pedagogias de gênero determinam padrões comportamentais e de beleza às/aos jovens, bem como dizem sobre como esses indivíduos devem viver suas sexualidades, normatizando-a. Tais pedagogias culturais são difundidas de muitas maneiras, como pelas mídias digitais. Considerando que os discursos midiáticos produzem verdades que atravessam a formação da identidade e subjetividade dos sujeitos, esse estudo busca analisar as relações entre juventudes, artefatos midiáticos e gênero.

Palavras-chave: Juventudes. Gênero. Artefatos Midiáticos.

Introdução

O discurso biomédico sobre a adolescência a considera como uma fase da vida universal a todas as pessoas. Nesse sentido, “a adolescência” é comumente representada de maneira estereotipada e normativa, caracterizada pela impulsividade, irresponsabilidade, indecisão e irritabilidade. Ao contrário das teorias desenvolvimentistas que universalizam a adolescência como fase da vida comum a todas as pessoas, a concepção de juventudes plurais busca visibilizar que refletir sobre essa população deve estar atrelado às intersecções entre os marcadores sociais da diferença. A subjetividade é formada no campo social e material, logo,

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, amarante.beatriz@unifesp.br ;

² Doutora em Educação Escolar e professora do Departamento Saúde, Clínica e Instituições da Unifesp-BS, Santos-SP, raquel.spaziani@unifesp.br

não é possível pensar em uma adolescência única, mas sim em juventudes – como adotaremos no presente estudo (COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005).

A noção de juventudes visa romper com a compreensão de um período da vida delimitado pela idade, algo natural e universal independentemente do contexto, apontando a importância da reflexão sobre como as juventudes são produzidas, por meio das práticas sociais vigentes em cada época, influenciada por diversos fatores, como gênero, raça, classe, território etc.

Pensando a questão do gênero, pode ser compreendido como as representações e construções sociais das masculinidades e feminilidades a partir de diversos investimentos e práticas sociais e históricas (LOURO, 1997). Portanto, isso implica em deixar de lado qualquer perspectiva que naturalize as relações sociais, desigualdades, papéis e estereótipos, justificando-as como diferenças inatas entre os sexos. Isso também exige que sejam repensadas perspectivas que naturalizam a sexualidade e o corpo.

No entanto, são muitas as instituições sociais que reproduzem os discursos biologizantes e psicologizantes sobre as juventudes, gênero e sexualidade, sendo necessário desnaturalizar esses processos de forma crítica.

Dentre as instituições responsáveis por formar e difundir essas ideias está a mídia, uma das responsáveis por difundir e solidificar essas pedagogias culturais que produzem modelos de condutas e valores, fabricam identidades prontas e formam relações de poder (SABAT, 2001). Atualmente, alguns transmissores/as desses ensinamentos vêm ganhando corpo, rosto e voz. Os/as *influencers* digitais são pessoas que trabalham com a internet, compartilhando seu cotidiano, bem como fazendo propagandas de produtos.

Assim, é importante questionar como essas pedagogias estão atravessando os/as jovens e em quais aspectos de suas vidas elas se fazem presente. Com isso, a pesquisa tem o objetivo de refletir sobre as possíveis relações entre juventudes, artefatos midiáticos e gênero, por meio de uma revisão bibliográfica.

Juventudes, gênero e sexualidade

Teorias desenvolvimentistas buscam, em muitos momentos, posicionar a adolescência como algo universal e padronizado para todos os indivíduos, como o autor Stanley Hall, um



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

dos primeiros psicólogos a se debruçar sobre esse tema, que utilizou termos como “tempestade e tensão” para definir esse “período”. Suas obras tiveram grande repercussão na época, evidenciando o quanto os/as adultos/as buscavam explicações sobre os comportamentos dos/as jovens, posicionando-os/as como sujeitos incontroláveis e inferiores (WARDE; PANIZZOLO, 2015).

A partir do momento em que usamos o conceito de juventudes plurais para analisar essa população, foi possível identificar inúmeras questões que diferenciam os/as jovens entre si, proporcionando uma análise crítica dessas vidas. Ao compreender que cada um passa por vivências diferentes, também entende-se que as expectativas depositadas nos/as jovens irão variar conforme a sua realidade e os entrelaçamentos dos marcadores sociais da diferença. As idealizações sobre uma menina branca diferiram das concepções e ações em relação às meninas negras; assim como são diferentes as juventudes de trabalhadores/as em relação aos/as jovens que apenas estudam. Desse modo, as/os jovens vão se formar de maneiras muito distintas entre si, a depender dos seus lugares sociais (COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005).

Para além de criar estereótipos universais para essa população, tais discursos homogeneizantes também reforçam padrões sexuais e de gênero sobre as juventudes. No que diz respeito às questões de gênero, tais normas sugerem que só existe uma forma correta de expressar a feminilidade e a masculinidade, colocando como algo natural, diretamente relacionada ao sexo biológico. Esses moldes podem ser percebidos em diversos aspectos do cotidiano, como ao dizer que todas as meninas gostam do mesmo tipo de assuntos, produtos, roupa, maquiagem, ou que meninos não devem expor seus sentimentos, devem gostar de esportes e serem agressivos.

O conceito de gênero pode ser compreendido como as representações e construções sociais das masculinidades e feminilidades a partir de diversos investimentos e práticas sociais e históricas (LOURO, 1997). Portanto, isso implica em deixar de lado qualquer perspectiva que naturalize as relações sociais, desigualdades, papéis e estereótipos, justificando-as como diferenças inatas entre os sexos.

O conceito pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são "trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico". Pretende-se,

dessa forma, recolocar o debate no campo do social, pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos (LOURO, 1997, p. 22).

É preciso desconstruir as dicotomias que limitam as vivências do gênero, na medida em que há mais possibilidades de experiências para além do binarismo do “ser homem” ou “ser mulher” – são diversas as formas de expressar a identidade de gênero. Atrelado a isso, segundo Jeffrey Weeks (2000, p. 36), a sexualidade “tem tanto a ver com nossas crenças, ideologias e imaginações quanto com nosso corpo físico”, devendo também ser considerada como algo que está em constante construção, conseqüentemente, deve ser estudada, questionada e analisada, sem generalizações e moldes que a colocam como natural.

O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento — seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade — que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação (LOURO, 1997, p. 27).

Considerar que existe um único modo de se vivenciar a sexualidade e o gênero, assim como universalizar as juventudes, pode vir a negligenciar a discussão sobre as suas potencialidades e os seus inúmeros atravessamentos, que extrapolam as naturalizações e padrões impostos.

[...] ao operarmos, por exemplo, com o conceito de juventude em nossas práticas, constituído e atravessado por fluxos, devires, multiplicidades e diferenças, talvez possamos perceber não mais um adolescente infrator, mas sim um jovem no qual a linha da infração é apenas uma a mais dentre tantas outras que o compõem. Isso permite a certa prática de psicologia um trabalho de intervenção que afirme a abertura de espaços para que, tanto os jovens com quem trabalhamos como nós, psicólogos, possamos criar outras vias de relação com a

vida e com nós mesmos (COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005, p. 8).

Assim, a identidade pode ser compreendida como em constante transformação, sendo possível viver muitas juventudes dentro de um mesmo corpo e, deste modo, é uma vivência única que deve ser analisada em toda a sua complexidade.

Artefatos midiáticos e pedagogias de gênero

São muitas as instituições sociais que reproduzem os discursos biologizantes e psicologizantes sobre as juventudes, como a escola, família, mídia, igreja. Isso, por meio de investimentos e expectativas sobre diversos aspectos do que se compreende como “adolescência”, a maneira como os/as jovens devem se vestir, falar, quais filmes e livros devem ler, quais espaços podem frequentar, bem como a maneira como os seus corpos devem ser, quem podem se relacionar e desejar, o que devem almejar para o futuro.

Dentre as instituições responsáveis por formar e difundir ideias sobre como as juventudes devem se expressar e se comportar, a mídia é uma das responsáveis por difundir e solidificar essas pedagogias culturais de gênero que produzem modelos de condutas e valores, fabricam identidades prontas e formam relações de poder (SABAT, 2001). Os recursos midiáticos ensinam como os/as jovens devem agir, falar, comer, se vestir, do que devem gostar etc., e com o avanço de um tipo específico de mídia, as mídias sociais, vêm se tornando cada vez mais presentes na vida das juventudes.

Uma dessas expectativas difundida pela mídia está relacionada aos padrões de beleza. O corpo juvenil é considerado o belo, assim há uma cobrança pela reprodução desse ideal para esses sujeitos, principalmente entre as mulheres, que devem apresentar corpos magros, sem manchas, rugas, estrias e celulites. Neste sentido, o corpo passa a ser visto como um objeto a ser moldado e enquadrado nesses padrões irreais, ditos juvenis, mas que fogem até mesmo da capacidade do corpo jovem. Isso pode gerar sentimento de culpa, aprisionamento, não pertencimento e insatisfação, já que o alcance deste padrão está relacionado a um suposto alcance da felicidade, assim como incitar o consumismo e o mercado da beleza (LOPES; MENDONÇA, 2016).

Tais imposições se relacionam às expressões da sexualidade, definindo quem é atraente, como ser desejável para o outro e quem é esse outro. Todas essas questões podem

atravessar as vidas dos/as jovens, por meio de cobranças que ditam como e o que devem fazer de suas vidas, corpos e desejos, marcando as suas existências com regras e rigidez.

Nos últimos anos, alguns transmissores/as desses ensinamentos vêm ganhando corpo, rosto e voz. Os/as *influencers* digitais são pessoas que trabalham com a internet, compartilhando seu cotidiano, bem como fazendo propagandas de produtos. É entendido que os usuários sentem uma “falsa aproximação” com essas pessoas (GOMES, NEVES, PEREIRA, 2019), conseqüentemente, eles/as conseguem exercer influências em diversos assuntos. Não à toa são comumente chamados de formadores/as de opinião e evidenciam o fenômeno de que “na contemporaneidade os corpos podem ser entendidos como possíveis mensageiros, produzidos na pluralidade de culturas e práticas educativas” (FELIPE, 2006, p. 258).

Considerações finais

Considerando que os discursos midiáticos produzem verdades que influenciam na formação da identidade e subjetividade dos sujeitos (FELIPE, 2006), com o surgimento desses novos modelos de transmissão e sua magnitude na vida de jovens se faz importante questionar quais são os discursos dos/as influenciadores/as digitais, visto que são representados/as como modelos de sucesso e felicidade, via de propagação dos padrões estéticos.

Somado a isso, a idade e o gênero são usados para determinar socialmente os padrões comportamentais esperados para os indivíduos em cada faixa etária, trazendo para a discussão, os moldes e expectativas que estão sobre os/as jovens atualmente (MULLER, 2004), e como esses/as influenciadores/as podem estar contribuindo para a construção dessas pedagogias.

Diante disso, é fundamental estudar essa população a partir de uma perspectiva de gênero, em suas intersecções com os outros marcadores sociais da diferença, pois, pode possibilitar a compreensão de como são constituídos os modos de viver, de ver o outro e a si mesmo (LOURO, 1997), para dessa forma, ter um olhar ampliado e crítico que essa análise exige. Assim, torna-se imprescindível a continuidade das pesquisas sobre as mídias digitais e

seu papel na sociedade contemporânea, visto que, aqui estamos explorando apenas um dos aspectos presentes nesse campo que se encontra em constante expansão.

Referências

COIMBRA, Cecília; BOCCO, Fernanda; NASCIMENTO, Maria Livia do. Subvertendo o conceito de adolescência. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 57, n. 1, p. 2-11, jun. 2005.

Disponível

em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672005000100002&lng=pt&nrm=iso>.

FELIPE , Jane. Representações de gênero, sexualidade e corpo na mídia. **Revista Tecnologia e Sociedade**, [s. l.], v. 2, n. 3, p. 251-263, 2006. Disponível em:

<<https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/2490>>.

GOMES, Karolayne; NEVES, Manoella; PEREIRA, Deriky. O poder dos influenciadores digitais sobre a sociedade do consumo por meio do Instagram. **Intercom**, São Luís, 2019. XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2019, São Luís. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-1137-1.pdf>>.

LOPES, Amliz Ferreira; MENDONCA, Érika de Sousa. Ser jovem, ser belo: a juventude sob holofotes na sociedade contemporânea. **Rev. Subj.**, Fortaleza , v. 16, n. 2, p. 20-33, 2016 .

Disponível

em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692016000200002&lng=pt&nrm=iso>.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 179 p. ISBN 8532618626.

MULLER, Elaine. Juventude e algumas questões e relações de gênero. **Mneme**: Revista de humanidades, Caicó, v. 5, n. 11, p. 214-244, 2004. Disponível em:

<www.cerescaico.ufrn.br/mneme>.

SABAT, RUTH. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**. 2001, v. 9, n. 1, pp. 04-21. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000100002>>.

WARDE, Mirian Jorge; PANIZZOLO, Claudia. Adolescentes e suas más companhias: lunáticos, criminosos, e pervertidos sexuais [sobre a obra Adolescence de Stanley Hall]. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 739-758, 2015. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-54732015000200739&lng=en&nrm=iso>.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 35-83. ISBN 85-86583-33-2.